

JORNAL ATINGIDOS: DA IDENTIDADE DE RESISTÊNCIA A DE PROJETO NO DISCURSO AMBIENTALISTA¹

Maria Carmen Aires GOMES² (UFV)

RESUMO: O objetivo deste artigo é debater sobre a importância do Jornal Atingidos para a construção das *identidades de resistências* que, agrupadas coletivamente com objetivo de transformarem as questões sócio-ambientais que circunscrevem as práticas de licenciamento ambiental para construção de barragens, se constituem com novas realidades significativas em torno da *identidade de projeto* (Castells, 2002). Para tal debate, serão considerados não só os estudos discursivos críticos propostos por Norman Fairclough (1989, 2001, 1999), mas também os estudos sociais sobre identidade cultural na pós-modernidade discutidos por Stuart Hall (2001) e as relações entre poder e identidade (Castells, 2002).

ABSTRACT: This work aims at analysing the politics of resistance “Jornal Atingidos” with the purpose of demanding the identities of the active power. The identities problematized in this work take different positions according to the politics of interests: of the resistance and project (Hall, 2001; Castells, 2002). This paper shows how critical discourse analysis as a research modality points out social relations changes and power relations (Fairclough, 1989, 2001, 1999). The genre “Jornal Atingidos” is a relevant example of genres constituted on social movements like ecologism of late modernity.

1. Introdução

O jornal *Atingidos* é uma publicação especializada em notícias sobre construção de barragens, produzido em Viçosa-MG, por participantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), e distribuído em várias regiões atingidas por tais construções. É um jornal que organiza as notícias sobre as barragens no interior da instituição sócio-política e ambiental. Os fatos são construídos através de reportagens, depoimentos de integrantes da comunidade atingida, do MAB e dos técnicos e especialistas em Engenharia Sanitária e Ambiental, que procuram construir uma realidade mais próxima da situação. E talvez seja esta a razão de se escolher tal gênero para se discutir as relações de poder que cercam a prática de licenciamento ambiental, informando, descrevendo e dando ciência aos atingidos das questões sócio-políticas e ambientais que os atingem, conscientizando-os de seus direitos enquanto cidadãos.

O objetivo deste artigo é debater sobre a importância do Jornal Atingidos para a construção das *identidades de resistências* (constituídas por atores sociais que se encontram em condições de desvantagem e/ou excluídos pela lógica tenocrática e industrializada), que, agrupadas coletivamente com objetivo de transformarem as questões sócio-ambientais que circunscrevem as práticas de licenciamento ambiental para construção de barragens, se constituem com novas realidades significativas em torno da *identidade de projeto* - quando os atores sociais utilizam-se de materiais culturais para redefinirem posições na estrutura social (Castells, 2002). Para tal debate, serão considerados não só os estudos discursivos críticos propostos por Norman Fairclough (1989, 2001, 1999), mas também os estudos sociais sobre identidade cultural na pós-modernidade discutidos por Stuart Hall (2001) e as relações entre poder e identidade (Castells, 2002).

2. Linguagem, poder e identidade

As relações entre linguagem, poder e identidade são amplamente discutidas pelos estudos discursivos críticos com base na tese de que é a dimensão dialógica e dialética e não a dimensão absoluta que é específica das relações entre discurso e lutas hegemônicas pelo poder, “as estruturas sociais que estão em foco são relações

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado “A prática sócio-institucional do licenciamento ambiental: a tensão entre gêneros discursivos, discursos e vozes”, defendida em 2003, na FALE/UFMG.

² mcgomes@ufv.br

de poder e os processos e práticas sociais que estão em foco são processos e práticas de luta social” (Fairclough, 1989:135). Isso significa que o poder não está restrito a um sujeito ou instituição, mas se articula em redes ágeis de jogos de linguagem construídas pelos sujeitos em variadas posições sócio-históricas.

Fairclough (1989:31) considera que “prática social tem uma relação ativa com a realidade, muda a realidade”, logo, ela é bidirecional: estruturas sociais não só realizam as práticas sociais e discursivas, como também é produto delas. Em *Discourse and Social Change*, Fairclough (1992) fundamenta alguns princípios com base em um quadro analítico tridimensional discursivo. Discurso se constitui simultaneamente de três dimensões que se inter-relacionam: texto, interação (prática discursiva) e contexto (prática social). O autor estabelece que a prática discursiva é mediadora entre a prática social e o texto. É na prática discursiva que se focalizará a relação entre evento discursivo e ordens do discurso em função das relações de poder que controlam e restringem a criatividade e a produção destas práticas. É também nesta dimensão que os textos são produzidos e interpretados de acordo com as relações de poder entre os sujeitos e as posições que ocupam nos momentos discursivos. Discurso é tomado como espaço e o suporte das lutas sociais marcadas pelos conflitos quer seja para a sustentação das relações de dominância quer seja para a resistência a esta dominância, então, é no discurso que a ideologia se concretizará. O fato é que Fairclough (1989) retoma o conceito de ideologia para discutir as relações hegemônicas instáveis de poder.

Para circunscrever a significação de prática discursiva como prática social, Chouliaraki e Fairclough (1999) indicam inicialmente que é no quadro das instituições e estruturas sociais que as práticas têm relativa permanência, já que estão expostas às mudanças e transformações das ações produzidas por aquelas. A prática se constitui através de redes de elementos sociais inscritos num espaço-tempo, cuja localização se dá em cadeias de relações com outras práticas, através de uma dimensão reflexiva. Fairclough (2001a) define que toda prática entrecruza vários elementos sociais – atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e espaço, formas de consciência, valores e discursos - que se articulam no jogo dialético discursivo (Laclau e Mouffe, 1985; Harvey, 1996).

A condição de reflexividade das práticas é um traço importante para o estudo da linguagem na vida social, pois evidencia as contradições, os dilemas e os antagonismos, projetados por discursos, com interesses distintos. A forma, então, como o discurso relata outros momentos sócio-discursivos, atribui-lhe uma conotação de mecanismo ideológico-reflexivo. É, com efeito, na reflexividade subjetiva³, nas relações de poder e na posição que os sujeitos ocupam nas práticas sociais, características primárias das práticas, que o discurso é dialeticamente social. Os discursos então se apresentam, do ponto de vista social, como um produto co-construído por diversas construções ideológicas, e do ponto de vista lingüístico, como produto da apropriação de outros discursos e convenções.

A condição de reflexividade, a diferença provocadora dos antagonismos sociais, as descontinuidades nos leva a uma concepção de identidade antes constitutiva, flexível do que fixa e estagnada do sujeito cartesiano. Identidades múltiplas e contraditórias que se estabelecem nas práticas sócio-políticas, tornando-se deslocadamente politizadas. No caso dos movimentos sócio-políticos, por exemplo, tem-se a construção de uma política de identidade perpassada pelo caráter posicional e conjuntural (Hall, 2001). Como aponta Castells (2002), a multiplicidade identitária é a fonte da tensão contingencial tanto na ação quanto na representação social já que é construída nos mais diversos momentos das práticas sociais marcadas por relações de poder; disso resulta, segundo o autor, três maneiras de se constituir identidades: identidade legitimadora (origina a sociedade civil), de resistência (forma comunidades que lutam contra a opressão das hegemonias, que podem se tornar identidades de projeto) e de projeto (leva a formação de um projeto de vida diferente, situado historicamente contrário às imposições econômicas e de mercado).

3. Gênero discursivo Jornal Atingidos

Dentro de um quadro de estudos críticos do discurso, Fairclough (1989,1992) adota o conceito de gênero discursivo como elemento potencial de significados para possíveis mudanças sociais uma vez que constitui as ordens do discurso, sendo responsável, ainda, pela constituição dos tipos de discursos. Isto implica que o sistema de gênero discursivo adotado por uma determinada sociedade num período histórico determina as combinações e

³ Idéia resgatada de Giddens (1991:45) “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre as próprias práticas”.

articulações dos tipos de discursos que ocorrem. O gênero discursivo, assim, realiza o elo entre a prática social e o texto, estabelecendo relações entre as instâncias de produção, distribuição e consumo dos textos. Essa conexão se dá por meio de convenções partilhadas, em situações sociais, através de comunidades discursivas que partilham objetivos e propósitos comuns. Além de estar associado a um evento comunicativo particular, o gênero discursivo também está condicionado ao estilo comunicativo que varia de acordo não só com o tipo de relação entre os participantes, mas também com a forma como os textos são escritos ou falados e o modo retórico de produção.

O propósito comunicativo do gênero discursivo jornal *Atingidos* é transmitir informações sobre a implantação de barragens, aconselhando o público, dando dicas de como se organizar para conseguir manter uma boa negociação com os empreendedores e relatando ainda fatos diversos sobre tais negociações. De fato, o Jornal objetiva reescrever as informações advindas das práticas sociais vividas pelas comunidades atingidas, funcionando como um veículo difusor e integrador de valores e princípios, por meio de imagens, legendas e textos.

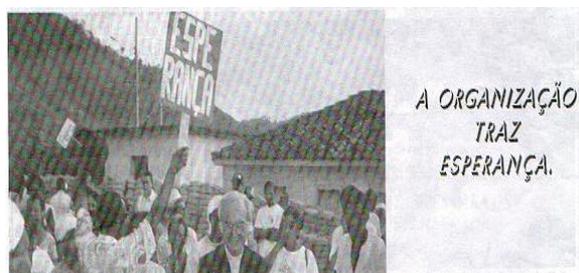
Como delinear então tal comunidade discursiva? Inicialmente, pode-se dizer que é bastante ampla e heterogênea, entretanto possui um conhecimento particular sobre a história de atingidos e barragens. Constitui-se simultaneamente de membros especialistas em questões sócio-políticas e ambientais e um público menos especialista tecnicamente, que convive com o problema sóciopolítico, mas desconhece alguns de seus direitos, leis e técnicas que envolvem tal questão. Em função da natureza midiática do jornal, não há como estabelecer o controle do consumo e da distribuição de tal gênero e nem como especificar sua comunidade discursiva. Diante disso, pode-se somente vislumbrar a ação social que une tal conjunto de pessoas: discutir e informar sobre as questões relativas às implantações de barragens.

O gênero discursivo jornal *Atingidos* caracteriza-se enquanto uma “colônia”, já que abriga outros gêneros discursivos e discursos, sem que altere o propósito comunicativo do jornal (Hoey, 1989). Os gêneros discursivos e discursos abrigados pelo jornal *Atingidos* não dependem uns dos outros, mas podem se relacionar em função do objetivo comum: falar sobre as questões relativas às práticas sociais e discursivas de resistência que permeiam o evento construção de barragens. Disso decorre que a colônia jornal *Atingidos* caracteriza-se enquanto um conjunto de gêneros discursivos (reportagem, poesia, editorial, carta do leitor) e discursos (ambiental, religioso, jurídico, econômico) que se parecem agrupar com o mesmo fim comunicativo.

Levando em consideração tais questões, serão olhados mais de perto os elementos organizacionais deste gênero. O jornal *Atingidos* tem o seguinte layout: A primeira página é composta da seguinte forma: (i) título do jornal “Atingidos” - o tipo de fonte, com efeitos de animação sinaliza uma certa proximidade entre a comunidade produtora do jornal e a comunidade receptora; (ii) ao lado do título, tem-se uma imagem. Uma caricatura de um suposto atingido em cima do telhado da casa, que está imersa pela água. Kress e van Leeuwen (1996) argumentam que o uso de caricaturas minimizam a seriedade da informação textual.; (iii) na 1ª metade da página, tem-se o texto do editorial. A 2ª metade se divide em duas partes: a primeira traz uma foto de algum evento seguida de uma legenda, e a segunda metade traz o gênero índice seguido dos nomes que compõem a comunidade produtora do jornal. O jornal é produzido em preto e branco. as páginas que se seguem são compostas por uma diversidade de gêneros discursivos: foto-legendas, reportagens, carta do leitor, poesias e anúncios. O layout dessas páginas segue a seguinte estrutura: geralmente dois blocos de textos, com fotos e anúncios.

É interessante notar que o jornal utiliza-se, predominantemente, de fotos ao invés de caricaturas. As fotos ajudam a construir a realidade dos atingidos, como imagens-ato, dinâmicas, em permanente construção, funcionando como o testemunho de uma realidade (Kress e van Leeuwen, 1996), ou seja, as fotos representam aqui a existência e construção da identidade de um movimento de resistência: o dos atingidos por barragens.

A foto da primeira página do jornal *Atingidos* Nº 01, reproduzido na Figura 1, abaixo, atesta por exemplo a existência da realização de uma Audiência Pública na cidade de Miguel Rodrigues, certificando inclusive a presença de um padre à frente de um grupo de atingidos, legitimando assim o movimento de resistência político, levando o leitores a se constituírem como identidades de projeto.



Há aqui uma legalização, uma ratificação de que os atingidos têm se organizado e participado de audiências públicas com o apoio da igreja. Com base em Kress e van Leeuwen (1996), pode-se interpretar esta imagem do padre e da comunidade em close fechado como representativa de uma imagem-ato de demanda, exprimindo o contato, envolvimento e identificação. Ou seja, seria um tipo de imagem que leva não só o observador da foto a se envolver com o problema, mas mostra também que a comunidade produtora pertence a este projeto reflexivo de vida político dos atingidos, ou seja, refletir sobre o que, como, e porque se está fazendo essa contestação.

A foto-testemunho torna-se então uma narrativa do que aconteceu em diversas comunidades atingidas e que precisa ser divulgada entre os seus pares. O foco está principalmente na organização e na participação dos atingidos no desenvolvimento da prática de licenciamento ambiental. Os protagonistas são os atingidos (homens, mulheres e crianças) caracterizados sempre em movimento, em ação: empunhando cartazes, falando ao microfone, andando pelas ruas, fomentando a idéia de luta, organização e resistência; idéias discutidas também nos concursos de poesias. Pode-se definir então a foto-testemunho como um gênero de domínio público já que se apropria de experiências pessoais relatadas informalmente e coloquialmente com o objetivo não só de informar os seus leitores mas também de persuadi-los (Fairclough, 1995). O fato é que a comunidade produtora tenta influenciar sua comunidade receptora através de uma narrativa factual em que os atingidos só sobreviverão aos apelos monetários do empreendedor através de uma organização política e religiosa consistente.

Estas fotos são sempre acompanhadas de legendas, ou seja, frases curtas que explicam o conteúdo informativo das imagens: “A organização traz esperança”, “Audiência pública direito assegurado por esta nova lei”, “Atingidos promovem encontro em Casa Nova, discutindo e se informando a respeito da barragem do Pilar”, “Crianças seguram prêmio recebido pelas associações”, “Audiência Pública em Miguel Rodrigues, onde as mulheres participam ativamente”.

As fotos em que aparecem as cachoeiras, por sua vez, trazem legendas que focalizam a tensão entre os discursos do “mundo da vida e do mundo dos sistemas” (Habermas, 1984): “Cachoeira do Inferno- Beleza natural do município de Jequeri, ameaçada de acordo com os projetos da Cataguases Leopoldina” e “Vista parcial da cachoeira da Fumaça em Miguel Rodrigues, onde a ALCAN pretende construir barragem”. O que chama a atenção nestas legendas é que os atores sociais nos processos de construções das barragens são representados e nomeados explicitamente (Alcan, cachoeira da Fumaça, cachoeira do Inferno, projeto Cataguases/Leopoldina, através de processos de ação dirigidos (*ameaçada, pretende construir*).

O jornal Atingidos envolve internamente um número de gêneros discursivos que hibridamente constituem sua organização e argumentação com o objetivo explícito de persuadir a comunidade atingida de que só a informação, a organização e a resistência política poderão livrá-los da ameaça da construção da barragem. Discutiremos alguns exemplos dos gêneros discursivos que compõem o projeto de resistência política do Jornal frente à lógica estrutural e institucional tecnocrática e econômica hegemônicas.

3.1 Gênero Editorial

O gênero editorial, de cunho opinativo, abre a primeira página do jornal, fazendo uma análise do fato, colocando-se contra a implantação da barragem. Vale ressaltar que o gênero editorial geralmente é publicado com destaque na segunda ou terceira página do gênero jornal e aqui, no nosso exemplo, ele se situa na primeira página.

O propósito comunicativo do editorialista é informar os atingidos persuadindo-os que a melhor maneira de lutar contra os empreendedores é motivando a organização, a resistência e a negociação coletiva. Como se trata de uma organização política contra empresas privadas e governo, entende-se que a comunidade receptora deste editorial seja a comunidade atingida e não o público especialista.

O editorialista, por exemplo, tenta provocar efeitos imediatos na comunidade receptora através da escolha do título: “*O aperto faz o sapo pular*” que traz o gênero provérbio, simulando uma aproximação mais familiar, popular e afetiva com a comunidade atingida (Lysardo-Dias, 2001). O uso deste provérbio indicará o universo temático da notícia, ratificando a versão da realidade que o editorialista pretende construir para sua comunidade receptora, da qual fazem parte os atingidos: “*só a união dos atingidos será capaz de impedir ... esse falso progresso (...)*”. O uso de práticas discursivas da esfera privada como, por exemplo, o provérbio, na esfera pública midiática, ocasiona uma estereotipia da fala popular. O entrecruzamento do gênero provérbio com o gênero jornalístico confere mais legitimidade à notícia, em função da relação de cumplicidade e solidariedade instaurada.

Observe-se, abaixo, dois exemplos de editoriais do jornal Atingidos.

(1) O aperto faz o sapo pular

As previsões do governo estão sombrias, o consumismo vai intensificar-se, a necessidade de energia vai crescer, a oferta de energia também precisa aumentar. Com base nesse raciocínio, deverão ser construídas aproximadamente 500 barragens até o ano 2015. isso explica o porquê de tantos barramentos. Só no Vale do Piranga são mais de quinze projetos. Há pessoas que consideram a barragem como coisa boa. Dizem que ela gera emprego, turismo e traz progresso. Outros afirmam que barragem é um mal necessário. Mas nada disso parecer verdade: o emprego gerado é pouco e temporário; o potencial turístico de diversos rios e cachoeiras de nossa região é maior do que dos supostos lagos; o progresso que é progresso mesmo vem para melhorar a vida de todo mundo. Na verdade, em nossa região os projetos de barragens estão agredindo as pessoas. Eles tiram o sossego dos moradores do Emboque (Raul Soares) de Casa Nova (Guaraciaba), de Miguel Rodrigues (Diogo de Vasconcelos) e de diversas outras localidades. Mas, como se diz, o aperto faz o sapo pular”. E o sofrimento das populações ribeirinhas vai motivando a organização e a resistência. Só a união dos atingidos será capaz de impedir que esse falso progresso afogue o sonho de tantos trabalhadores que nasceram na terra e precisam dela para viver.

(2) Negociação coletiva é resistência

O curso previsto para os dias 13 a 15 de novembro, no salão paroquial São Pedro, Palmeiras, em Ponte Nova, vai tratar dos impactos ambientais e do processo de negociação em implantação de barragens. O assessor será Ricardo, ex-membro da CPT (Comissão Pastoral da Terra), com larga experiência na organização e defesa de comunidades atingidas. Estarão presentes também alguns professores e alunos da UFV (Universidade Federal de Viçosa), que fazem parte do grupo de assessoria a comunidades atingidas por barragens. Esse evento deve ser um marco importante na luta dos atingidos, ajudando a antever impactos negativos dos barramentos e discutindo estratégias de negociação. A negociação, da forma como vem sendo conduzida por vários empreendedores de barragens em nossa Região, enfraquece e divide as comunidades atingidas. Seguindo um processo de negociação individual, com preços diferenciados para pessoas selecionadas, ela só ajuda o empreendedor. O aprofundamento dessa questão no curso provavelmente apontará a negociação coletiva como a saída mais viável. Nesse caso, é muito importante que o conceito de negociação coletiva fique suficientemente claro para todos, pois isso evitará posteriores resistências da parte dos próprios atingidos. O Jornal Atingidos entende que a participação das regiões afetadas por projetos de barragens nesse curso é muito importante. A informação também é “a arma do negócio”. E uma boa proposta de negociação – boa para o atingido! Pode ser uma ótima estratégia de resistência.

No exemplo 1, a comunidade produtora expõe seus comentários e julgamentos sobre a implantação da hidrelétrica: “*na verdade, em nossa região os projetos de barragens estão agredindo as pessoas; eles tiram o sossego dos moradores; o emprego gerado é pouco e temporário*”. Essa exposição opinativa do jornalista é

evidenciada por processos relacionais atributivos (*estão agredindo, é pouco e temporário*) e de ação dirigidas (*tiram o sossego*).

Há um posicionamento bastante crítico e uma ênfase em se falar a verdade sobre os fatos através de um vocabulário informal e uma relativa simplicidade. Alguns numerais (*500 barragens, até 2015, mais de quinze projetos*) usados funcionam como instrumentos para dar veracidade aos fatos comentados. Enquanto isso, uma rede coesiva lexical negativa é construída para desfavorecer os argumentos daqueles que se mostram favoráveis aos projetos das usinas (*emprego é pouco e temporário, potencial das cachoeiras é maior que o dos supostos lagos, projetos estão agredindo, “projetos” tiram o sossego, falso progresso*).

Como se vê a comunidade produtora nos dois exemplos não se preocupa em ocultar os comentários críticos e pré-definidos, como por exemplo, *“mas nada disso parece verdade, na verdade, o progresso que é progresso mesmo vem para melhorar a vida de todo mundo, só a união dos atingidos será capaz de impedir que esse falso progresso afogue o sonho de tantos trabalhadores”*. Vale ressaltar que em nenhum momento a produção do jornal omite seus propósitos e seu compromisso em relatar certa versão dos fatos, de acordo com seu ponto de vista, para os seus leitores: *“O jornal Atingidos entende que a participação das regiões afetadas por projetos de barragens nesse curso é muito importante. A informação também é a arma do negócio”*.

No exemplo 2, observa-se o uso de uma descrição definida no título *“Negociação coletiva é resistência”*. Este tipo de recurso bastante habitual em gêneros do discurso jornalístico expressa um processo relacional atributivo (é) bastante ideológico já que pressupõe a existência de uma negociação claramente coletiva e não individual. O editorialista parece tentar persuadir a comunidade atingida, na medida em que pensar sobre organização coletiva é relacioná-la em termos de resistência, orientando assim a conclusão solidária a que ele gostaria que o leitor chegasse. Note-se que a comunidade produtora “reivindicadora” se distancia e ofusca os participantes atingidos do processo através do léxico *“regiões”*. Neste exemplo, a comunidade produtora introduz ainda um provérbio publicitário (*a informação é a arma do negócio*) para atrair a atenção do seu receptor. Vale ressaltar que há uma alteração no slogan, inserindo um discurso bélico (alma torna-se arma), o que parece introduzir uma certa tensão já que estão discutindo questões referentes à negociações e não à lutas.

Além de informar, criticar e expor os fatos, a voz do Jornal ainda instrui e aconselha a comunidade receptora: *“Só a união dos atingidos será capaz de impedir; é muito importante que o conceito de negociação coletiva fique suficientemente claro para todos”*.

O exemplo 02 marca a ambivalência discursiva contemporânea, mesclando informação e discurso promocional. Neste editorial, o objetivo, que é informar o público acerca da proposta de negociação, tecendo comentários e julgamentos relevantes sobre o assunto, acaba se subordinando aos efeitos da constituição de um evento significativo que será realizado para tratar dos impactos ambientais e do processo de negociação.

Ao mesmo tempo que informações relevantes sobre o curso são tecidas (*O curso previsto para os dias 13 a 15 de novembro, no salão paroquial São Pedro, Palmeiras, em Ponte Nova, vai tratar dos impactos ambientais e do processo de negociação em implantação de barragens*), há também uma proeminente promoção do curso e daqueles que o ministrarão (*o assessor será X com larga experiência na organização e defesa de comunidades atingidas, professores e alunos da UFV que fazem parte do grupo de assessoria a comunidades atingidas, o evento deve ser um marco importante, a participação no curso é muito importante, a informação também é a arma do negócio*). Pode ser que essa exposição dos objetivos promocionais não sejam aleatórios já que a busca pela transformação do poder do empreendedor é claramente discutida entre os próprios membros da comunidade receptora e produtora, e isso se estende facilmente à produção da cartilha e ao concurso de poesias.

A escolha pelas nominalizações no editorial do jornal Atingidos pode fazer parte de um jogo entre discurso técnico e articulado em torno de antagonistas e protagonistas e retórica promocional do curso. Embora as nominalizações estejam evitando a personalização de seus agentes, elas possuem um caráter dinâmico e ativo. Quando, por exemplo, as nominalizações se referem ao empreendedor, tem-se ações negativas, quando se referem à comunidade atingida, as ações são positivas e os afetados são explicitados, como se nota no Quadro 1, abaixo:

QUADRO 1 - Caracterizando as nominalizações no gênero editorial.

Empreendedor/ Governo	Comunidade Atingida
<u>negociação</u> (...) enfraquece e divide comunidade	o <u>sofrimento</u> das populações ribeirinhas
<u>negociação</u> individual, com preços diferenciados para pessoas selecionadas	vai motivando a <u>organização</u>
<u>ela</u> só ajuda o empreendedor	a <u>união</u> dos atingidos será capaz de impedir esse falso progresso
as <u>previsões</u> do governo estão sombrias,	larga experiência na <u>organização</u> e <u>defesa</u>
o <u>consumismo</u> vai intensificar-se,	de comunidades atingidas
a <u>necessidade</u> de energia vai crescer,	evento deve ser um marco importante
a <u>oferta</u> de energia precisa aumentar,	na <u>luta dos atingidos</u>
dizem que ela (barragem) gera <u>emprego</u> ,	o <u>aprofundamento</u> dessa questão no
o <u>emprego</u> gerado, potencial turístico,	curso
os <u>projetos</u> de barragens estão agredindo,	<u>negociação</u> coletiva como <u>saída</u>
tiraram o <u>sossego</u> dos moradores,	conceito de <u>negociação</u> coletiva evitará
esse falso <u>progresso</u> afogue o sonho	posteriores <u>resistências</u>
	<u>participação</u> das regiões afetadas

O efeito contrastivo informação/promoção evidencia a influência de atividades promocionais e tecnocráticas em editoriais de jornais, orientando a informação para um espaço de marquetização e tecnologiação.

3.2. Gênero Reportagem político-ambiental

Outro gênero que figura no jornal Atingidos é a reportagem como meio de informar o público, através de relatos de experiência, por meio de depoimentos. O jornal usa histórias de outras comunidades que já passaram pelo problema da negociação individual com o intuito de dramatizar o fato, incitando o público a compartilhar de sua indignação. Este tipo de reportagem gera comportamento coletivo de identificação, levando à construção da identidade de projeto de defesa do espaço sócio-ambiental.

(3) História do Emboque

A companhia Força e Luz, Cataguazes Leopoldina está construindo uma barragem na comunidade do Emboque, município de Raul Soares. Esse empreendimento atinge quase 100 famílias e uma grande extensão de terra fértil. Conforme o relato do Sr. José, um dos atingidos, no início o empreendedor chegou com boas conversas. A companhia afirmava: “você podem estar tranquilos, pois vocês vão sair de igual para melhor”, mas não foi o que aconteceu, e agora, segundo ele, “estamos de igual para pior”. A verdade é que esse projeto trouxe sérios transtornos para a comunidade do Emboque. Além do impacto ambiental, atingiu profundamente a vida dos moradores daquela região. Buscando um lucro fácil, o empreendedor procurou desenvolver um projeto que fosse o mais barato possível e desse um bom retorno. Com isso, diversas pessoas levaram prejuízos. O que receberam não é suficiente para reconstruírem o que perderam. Outro problema é em relação a forma de negociação adotada pela empresa. Pagando mais para alguns que para outros, ela acabou dividindo os atingidos e enfraquecendo a organização da comunidade do Emboque. De acordo com o Sr. José, funcionários da empresa afirmaram que iam “fumar um cigarro, dois até chegarem num acordo”. Nunca a empresa iria “jogar na justiça”. Mas no final ela entrou com processo de desapropriação e “todo mundo ficou na pior”. Atualmente as comportas já foram fechadas e o nível de água está subindo. Os problemas de muitos atingidos não foram resolvidos, mas a empresa tem pressa de obter lucros.

O jornalista mescla os fatos com o testemunho de uma vítima dos acontecimentos, ou seja, a reportagem é construída a partir do relato de um participante anônimo do processo, promovendo este relato a uma estratégia de resistência. A reportagem orienta o dizer queixoso do anônimo para atestar uma falta de responsabilidade ou de decoro do empreendedor. Para Caldas-Coulthard (1997), o uso de outras vozes incorporadas podem funcionar como uma espécie de autoridade legitimada no assunto em questão.

A *História do Emboque* se alterna, como já foi dito, entre testemunhos sobre o posicionamento do empreendedor e trechos narrativos e opinativos que se ocupam praticamente da história vivida pela comunidade do Emboque. O propósito comunicativo da mini-reportagem parece ser contar ao público uma estória potencialmente persuasiva que cause uma reação contra o empreendedor e suas formas de negociação.

A narrativa começa com a complicação (a construção da barragem) e os seus respectivos protagonistas (*a companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina está construindo uma barragem na comunidade do Emboque..., empreendimento atinge quase 100 famílias e uma extensão de terra fértil*). No parágrafo inicial, que sintetiza o acontecimento, a comunidade produtora dramatiza o acontecimento ao apresentar o resultado de que *100 famílias serão atingidas com o projeto*, além de uma enorme área de terra fértil.

Dado o problema e os protagonistas, a mini-reportagem promove o testemunho do anônimo (Sr. José) como uma prova de credibilidade daquilo que estão discutindo, persuadindo o público receptor através de uma voz que lhe pertence. O Sr José articula o seu testemunho ridicularizando a figura do empreendedor e se construindo enquanto vítima da situação, através de elementos coloquiais e informais: *estamos de igual para pior*; funcionários afirmaram que *iam fumar um cigarro, dois até chegarem num acordo*. Nunca a empresa *ia jogar na justiça*. Mas no final ela entrou com processo de desapropriação *e todo mundo ficou na pior*.

Vale ressaltar que a comunidade produtora vai descrevendo a cena e o local incluindo o testemunho da vítima da negociação individual (através do discurso direto) adotada pela empresa. Entre os testemunhos – gênero que se associa à funções públicas – o repórter não só conta a estória do emboque, o que aconteceu e suas complicações, mas a avalia e a comenta, redesenhando as desvantagens de se fazer uma negociação individual com o empreendedor. A comunidade produtora reconstitui a estória encadeando e acumulando os fatos através de comentários explicativos e léxicos que tendem a avaliações (*pior, transtorno, prejuízo, perderam, não é suficiente*).

O interessante é que diferentemente do editorial a reportagem não tem um caráter opinativo, mas neste exemplo, ela o é. A consequência disso é a ambivalência do gênero reportagem evidenciada principalmente pelo uso do discurso indireto livre, como se o comentário fosse feito por si só (*a verdade é que esse projeto trouxe vários transtornos, com isso, diversas pessoas levaram prejuízos*).

A *História do Emboque* termina com um efeito moralizante (conselho), o jornalista afirma que nesse caso a negociação individual enfraqueceu a organização dos atingidos, isto é, se você fizer o mesmo que a comunidade do Emboque, com certeza, ficará sem terra para morar e plantar. Dessa forma, explicitar tal história e suas complicações é uma forma de conscientizar o público receptor de que a organização e a resistência é a solução.

O texto retrata a tensão entre a comunidade atingida e o tipo de negociação adotado pelo empreendedor. Esta tensão é visualizada pelo comprometimento dos comentários produzidos pelo Jornal, através dos processos no presente (*está, atinge, é, tem*). Ele trata a negociação individual como algo desvantajoso para a comunidade atingida, relatando ainda algumas condutas negativas realizadas pelo empreendedor, por meio da voz do atingido.

3.3 Gênero Cartas do Leitor

O gênero “Cartas do leitor” é um tipo de comunicação impressa pública endereçada à instância enunciativa de produção do jornal pelos seus leitores. É um tipo de carta bastante específico já que o leitor se comunicará com aquele jornal para pedir informações, mostrar-se favorável ou contrário a determinadas reportagens, apontar e consertar supostos erros cometidos nos textos, defender-se de possíveis acusações, uma espécie de direito de resposta. A carta do leitor tem uma natureza híbrida: pública e pessoal, ou seja, ao mesmo tempo que a carta se endereça a um meio de comunicação público, o conteúdo da mensagem é pessoal. Bex (1996) a denomina como um gênero carta público-pessoal que traz algumas semelhanças lingüístico-textuais com as cartas pessoais privadas: alta frequência de traços interacionais e estilo informal de apresentação.

No jornal *Atingidos*, tem-se a seção “*O Leitor Escreve*”: D. Maria Delfina, residente em Ouro Preto, envia carta ao jornal *Atingidos*, no dia 11/10/98, com os seguintes dizeres

(4) “*Senhores redatores de Atingidos, estou também entre os atingidos e como ainda estou iniciando esta labuta, gostaria de ficar mais bem informada. Deverei receber em breve, como herança, uma pequena propriedade às margens do Rio Gualaxo do Sul cuja sede dista do rio apenas 50 metros, na localidade denominada Paraíso. Quando o vigário nos deu a notícia de que iriam construir uma barragem abaixo, próximo à ponte sobre o Rio Gualaxo do Sul, fiquei preocupada. Necessito que me informem como está o processo e se já tem algum advogado junto à empresa construtora para que possamos entrar em contato com ele. Gostaria de receber os números seguintes que publicarem. Se puder ajudar com uma pequena contribuição, estou aqui.*”

Resposta. D. Delfina, o projeto de barragem no “Paraíso” está em fase inicial. Quanto à questão legal (advogado). Indicamos o nome do Leonardo, estudante de advocacia da Universidade Federal de Viçosa. O seu telefone é x. chamar no apartamento x.

Destacamos inicialmente a designação dada ao título da coluna (*O Leitor Escreve*). Ao invés de se colocar carta do leitor, o jornal escolheu uma oração com processo material de ação (Leitor/participante escreve/processo material), talvez esta escolha esteja condicionada à natureza do público ao qual se destina: membros não especialistas. Talvez a denominação de carta pudesse desencorajar uma possível comunicação e participação entre o leitor não especialista e o jornal em função do desconhecimento das categorias que subjazem tal gênero discursivo.

Este gênero se diferencia de outros porque obriga necessariamente o seu receptor a responder os comentários, solicitações e reparos solicitados pelos leitores, caracterizando-se como semi-interativo, já que há ali uma pseudo-presença da instância produtora do jornal, que opera sob uma lógica da informalidade e cooperação favorável. No exemplo tomado para a análise, a leitora escreve a carta com intuito de pedir informações sobre a construção de uma barragem em um rio próximo a uma propriedade que receberá de herança. Tem-se aqui o padrão retórico situação/ problema e solução, mais uma vez introduzindo o discurso promocional: situação atual da propriedade, quais os problemas que teria com a construção da barragem no terreno e que providências tomar.

Um traço proeminente é a simulação conversacional notadamente pessoal e informal entre a leitora que escreveu a carta e sua instância receptora. Eles estabelecem entre si uma relação bastante solidária através dos traços de pessoalidade e casualidade: *iniciando esta labuta, o vigário, fiquei preocupada, se puder ajudar com uma pequena contribuição, estou aqui.*

Outro traço que chama atenção na carta da “Dona Maria Delfina” é que embora ela estabeleça uma relação informal com o seu destinatário, é fácil perceber o uso de elementos gramaticais mais formais e técnicos e ligeiramente arcaicos (*labuta, cuja sede dista, junto à empresa, próximo à ponte*). Da perspectiva da prática discursiva, como pode uma leitora considerada atingida, logo pertencente ao grupo dos menos especialistas se apropriar destes recursos lingüísticos formais? Penso que esta apropriação faz parte dos trabalhos desenvolvidos pela organização política que envolve o movimento dos atingidos por barragens, isto é, técnicos do discurso que assessoram a comunidade em suas práticas e ações sociais, incluindo as de escrita.

Outro ponto também a ser comentado é a resposta dada à leitora. Tome-se o texto: *D. Delfina*, (forma de endereçamento informal - dona) *o projeto de barragem no Paraíso está em fase inicial* (exposição do assunto). *Quanto à questão legal (advogado), indicamos o nome de Leonardo, estudante de advocacia da Universidade Federal de Viçosa* (padrão retórico instrutivo). *O seu telefone é X. Chamar no apartamento x.*

A resposta empregada pelo receptor da carta explicita o tipo de relação social que mantém com a sua comunidade receptora. Há uma mistura de padrões retóricos e estilos que evidencia claramente esta relação: primeiramente, o uso de traços formais, como nominalização e traços coesivos técnicos: *projeto, quanto à questão legal*; segundo, as marcas de informalidade: *dona* e a explicação entre parênteses do que seria a expressão “*questão legal*”, (*advogado*). Isso pode ser interpretado como uma tendência à democratização do discurso, uma forma de garantir a todos as informações requeridas, por meio de uma relação solidária.

3.4 . Gênero Poesia

O gênero poesia, no jornal, por exemplo, coexistindo com outros gêneros discursivos como as reportagens, os editoriais, as cartas, sobre a implantação de hidrelétricas, focaliza a reestruturação de um espaço privado (da experiência pessoal, das tradições históricas) num espaço público midiaticizado.

A poesia, abaixo, *Rio Amado*, ressalta exatamente esse caráter informal das relações entre homem e natureza, através de uma narrativa amorosa. Há uma simetria e proximidade social e até sentimental do homem com a natureza (*quando te vejo passar, meu coração bate alegre e todo cheio de anseio, quando olho para ti, meu amado do meu lado*). A cena de amizade e afeição é construída no sentido de enfatizar a relação de solidariedade e experiência pessoal como se a natureza agisse, falasse, sofresse e compartilhasse das mesmas experiências que o atingido:

(5) *Rio Amado*

Quando te vejo passar, estando na seca, ou cheio, meu coração bate alegre e todo cheio de anseio.

*O rio é coisa sagrada que Deus lá do céu criou é o patrimônio mais antigo que Ele nos deixou
Quando olho para ti é como se eu estivesse embalando em música suave e meu amado do meu lado*

A poesia acima traz o discurso literário, que visa predominantemente à expressividade, cuja função dominante é a poética, para o interior do jornal, cuja objetivo seria informar. Disso decorre que a poesia irá debater sobre a questão da construção das barragens de forma distinta dos outros gêneros já que leva em conta a expressividade, a emoção, sentimentos.

Fairclough (2001:241) discute que *quando significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra*. Dessa forma, metaforizar o rio/natureza (*o rio é coisa sagrada que Deus lá do céu criou, é patrimônio mais antigo que Ele nos Deixou*) através do domínio particular da experiência religiosa (*coisa sagrada, Deus, Ele*) é uma forma de captar a atenção da comunidade atingida receptora, deslocando idéias para minimizar a burocratização do mundo da vida, enfatizando os sentimentos de identificação com a causa: a não implantação de usinas hidrelétricas.

Ao dizer que o *Rio é patrimônio mais antigo*, a poesia está atribuindo ao rio valor relacional de bens naturais, ou seja, a comunidade receptora reconhecerá o rio como um conjunto de bens naturais, aquilo herdado por Deus e que, portanto, deverá ser protegido e preservado pela sociedade em geral. Há um deslocamento do rio/água, natureza para a idéia de rio/patrimônio, bens.

Dessas considerações, vale ressaltar ainda o movimento interdiscursivo que aproxima o discurso sócio-ambiental com o amoroso e o religioso, deixando escapar os dualismos ideológicos implícitos:

a) rio/sagrado; barragem/profana; rio criação/Deus; barragem criada/ empreendedor: na estrofe 2, há um deslocamento de idéias, por meio de uma rede lexical que conduz à forma como a comunidade atingida constrói a natureza com base no valor divino/religioso (*rio, sagrado, Deus, criou, patrimônio antigo, Ele deixou*).

b) Rio/amor, união; barragem/ódio, desunião: nas estrofes 1 e 3, a narrativa amorosa entre a comunidade atingida e o rio é claramente evidenciada pelas cadeias lexicais: *vejo passar, coração alegre, anseio, olho para ti, embalado, música suave*.

Nesse exemplo, traz uma tensão entre o domínio privado e o público, através dos discursos religioso e amoroso. A consciência dos riscos e dos impactos ambientais traz a natureza e suas relações com o homem para o interior da normatividade midiática.

A poesia torna-se, assim, um instrumento de resistência ao processo de colonização sistêmica do mundo da vida (Habermas, 1984). Ou seja, a história da vida é reflexivamente elaborada com o objetivo de construir e consolidar novas perspectivas. O gênero discursivo em questão é uma resposta dos atingidos às transformações tecnológicas que estão ocorrendo no meio ambiente em que vivem. Assim, numa sociedade plural e racionalizada em que olhares e perspectivas distintos se estabelecem e se cruzam a todo momento em disputas e desentendimentos com base em argumentos cientificamente fundamentados, não é difícil encontrar no interior dos movimentos ambientais de resistência gêneros discursivos que tratam de afeições, emoções e sentimentos de identificação, já que tais gêneros discursivos *permitem aos indivíduos acharem-se neles, interagirem com eles, comunicarem-se espontaneamente com eles* (Tavolaro, 2001).

4. Considerações Finais

Dessa forma, o jornal Atingidos procura não só reforçar e monitorar as crenças ideológicas entre os seus membros, mas também recrutar novos membros. A proposta deste gênero discursivo é não só valorizar a noção de coletividade e organização como forma de constituição e pertinência, transformando as relações hegemônicas de poder, mas também legitimar o movimento já que a mídia costuma ter mais poder que qualquer outra instituição. Pode-se dizer ainda que seu objetivo é incrementar, treinar e monitorar a consciência ideológica daqueles que compartilham os mesmos posicionamentos, e daqueles que, porventura, se deixaram influenciar pelo discurso do empreendedor.

O jornal Atingidos tem uma natureza híbrida seguindo as tendências comunicacionais globalizantes, em que vozes, discursos e gêneros discursivos se mesclam evidenciando as mudanças sócio-culturais das últimas décadas, a saber: conversacionalização, tecnologização e mercadologização.

A tendência à informalidade, que perpassa todos os gêneros discursivos, é empregada estrategicamente pela comunidade produtora do jornal não só como forma de tornar a informação científica e legal mais acessível ao público receptor menos especialista para que possa se organizar e tentar desestabilizar as hegemonias, desnaturalizando seus discursos e vozes, mas também para se fortalecer enquanto mecanismo de controle.

Outra tendência discursiva visualizada no Jornal é a função promocional do discurso que combina o informar com a persuasão explícita, através de textos mesclados com imagens visuais, com objetivo de surtir efeitos afetivos na comunidade receptora.

A apropriação do jornal Atingidos de traços conversacionais e informais (narrativas, vocabulário menos especializado, eliminação de traços de assimetria) ressalta a tensão entre a esfera pública e a privada, ou seja, domínios da vida privada tornam-se públicas. O relacionamento do homem com o homem e do homem com a natureza, por exemplo, passa a fazer parte do domínio público e midiático de um jornal de cunho sócio-político.

Seguindo, então, as argumentações de Fairclough (2001:271), pode-se postular que essas tendências discursivas no Jornal estão *presas aos processos de luta das práticas discursivas* dos quais as comunidades produtora e receptora se apropriam a fim de resistirem aos apelos econômicos do empreendedor na tentativa de mudarem o desenvolvimento da prática de licenciamento ambiental.

O gênero discursivo Jornal Atingidos atua como um instrumento de ação e interação social do movimento dos atingidos por barragens, ressaltando enfaticamente a identidade do seu adversário e deixando muito evidente que a luta dos atingidos é não só uma preocupação com o meio ambiente, mas também uma mobilização coletiva de comunidades em defesa de seus espaços sócio-históricos e ambientais. Os atingidos surgem mobilizados por um sentimento de exclusão e desvalorização, construindo uma identidade defensiva contra os interesses burocráticos, corporativos e econômicos. Tal identidade procura resistir à falta de transparência e de participação no processo decisório sobre a construção ou não da barragem, reivindicando voz diante do discurso hegemônico. Essa resistência contínua do movimento dos atingidos por barragens leva-os à construção de um projeto político-democrático de base popular que procura antes uma luta da vida, da ternura e da subversão do que uma resignação instrumentalista, mercantilista. Como bem aponta Castells (2002:163), “o ambientalismo não pode ser considerado meramente um movimento de conscientização”, mas também e principalmente a construção de um projeto capaz de propor mudanças na legislação e nas atitudes tomadas pelo governo.

6. Referências Bibliográficas

CALDAS-COULTHARD, Carmen. **News as social practice**: a study in critical discourse analysis. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge Polity Press, 1992.

_____. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Tradução (org) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001b.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Maria Carmen Aires. A prática sócio-institucional do licenciamento ambiental: a tensão entre gêneros discursivos, discursos e vozes. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. (Tese de Doutorado).

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1989.

HOEY, Michael. The discourse colony. In: COULTHARD, M.(ED). **Talking about text**. Birmingham: Birmingham and Instant Pint Limited, 1986. p.1-26.

_____ & van LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LACLAU, E & MOUFEE, C. **Hegemony and socialist strategy**. London: Verso, 1985.

TAVOLARO, Sergio. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.